

REVISTA ADVENTISTA

Director e Editor: ERNESTO FERREIRA
Administrador: P. BRITO RIBEIRO

Corpo de Redacção: F. Cordas, J. A. Esteves,
E. Ferreira, M. Lourinho, E. Miranda, S. Reis e
M. Miguel.

Proprietária: UNIÃO PORTUGUESA
DOS ADVENTISTAS DO SÉTIMO DIA

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
RUA DE JOAQUIM BONIFÁCIO, 17 — LISBOA

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO:
TIP. GOMES & RODRIGUES, LDA.
32, RUA DAS PICOAS, 34 — LISBOA

Número avulso 1\$50
Assinatura anual 15\$00

ANO XVI

JUNHO 1955

N.º 105

Dia da Voz da Profecia **4 de Junho** *e oferta em favor da Rádio* **de 1955**

Deus propõe-Se acabar rapidamente a Sua obra na Terra. Ele o anunciou na Sua Palavra, e o apóstolo Paulo diz-nos que «O Senhor executará a Sua palavra sobre a terra, completando-a e abreviando-a» (Rom. 9:28). O Seu Espírito age poderosamente sobre os espíritos e sobre os corações, e entre os meios que Ele utiliza convém mencionar de uma maneira especial as emissões da Rádio e os Cursos Bíblicos por Correspondência. A profecia de Apocalipse 14:6 cumpre-se literalmente: «Viu outro anjo voar pelo meio do Céu, e tinha o Evangelho eterno, para o proclamar aos que habitam sobre a terra, e a toda a nação, e tribo, e língua e povo.» Com efeito, actualmente o Evangelho eterno ressoa sobre as ondas nas principais línguas da nossa Divisão, e por esse meio numerosas pessoas são inscritas como alunos dos nossos Cursos Bíblicos por Correspondência. Como resultado, almas cada vez em maior número aceitam a mensagem e pedem o baptismo.

Naturalmente, essas emissões custam muito dinheiro, e trata-se de uma des-

pesa justificada. A Conferência Geral auxilia-nos generosamente por meio de dotações substanciais, e por isso lhe estamos profundamente gratos. Mas temos também, da nossa parte, o grande privilégio de contribuir, tanto mais que este meio de acção se deve progressivamente alargar. Pedem-nos que comecemos a fazer emissões noutras línguas. Devemos também obedecer à voz do Mestre que nos ordena que avancemos sempre até ao triunfo final da Sua causa.

Os nossos membros deram generosamente no passado para esta obra da Rádio. Sinceramente lhes agradecemos pelo que fizeram. Agora, o nosso objectivo prevê um novo passo avante. Devem realizar-se maiores progressos. Contribuamos largamente com uma oferta generosa em favor da obra da Rádio no próximo dia 4 de Junho, oferta essa digna do Senhor Jesus que tudo deu para nos salvar. Muito obrigado a todos.

ROBERT GERBER, tesoureiro
Divisão Sul-Europeia

Mordomos de Deus

=====
pelo Dr. Otto Schubert

Schleiermacher pretende que a religião é um domínio circunscrito em si, e que apenas diz respeito aos sentimentos. Goethe declarou: «O sentimento é tudo. A palavra é apenas o seu vazio e fumo.» Emil Brunner, ao contrário, mostra claramente que a Palavra de Deus, a mensagem divina, constitui o fundamento do Cristianismo. Todavia, esta mensagem não se dirige apenas à alma; ela diz respeito a todo o nosso ser. «O mesmo Deus de paz vos santifique em tudo; e todo o vosso espírito, e alma, e corpo, sejam plenamente conservados irrepreensíveis para a vinda de nosso Senhor Jesus Cristo.» 1 Tess. 5:23. A religião de Cristo impregna toda a personalidade. Não se manifesta exclusivamente nos movimentos da alma ou nas formas exteriores da religião, mas influencia os menores aspectos da vida quotidiana. Domina o conjunto dos nossos pensamentos, dos nossos sentimentos e da nossa vontade. É ela que determina o nosso comportamento, e também a maneira como dispomos do dinheiro que Deus nos confiou.

Deus espera de nós em primeiro lugar o dízimo, isto é, a décima parte dos nossos lucros. «Trazei todos os dízimos à casa do tesouro, para que haja mantimento na Minha casa, e depois faizei prova de Mim, diz o Senhor dos exércitos, se Eu não vos abrir as janelas do Céu, e não derramar sobre vós uma bênção tal, que dela vos advenha a maior abundância.» Mal. 3:10. A bênção celeste depende da fidelidade de que se dá prova nos negócios financeiros, ao passo que a maldição fere os infiéis. Cfr. Mal. 3:9. Nossa religião manifesta-se ainda pelos donativos feitos, além do dízimo, em favor do avanço da Obra. Mas isso não basta. Alguns pensam que depois de ter contribuído para a manutenção financeira da causa divina, podem dispor do seu dinheiro como bem lhes parecer. É esse um grave erro. Somos responsáveis perante Deus por cada centavo que possuímos. O que gasta o seu dinheiro em frivolidades, ou para satisfazer a sua vaidade, não é agradável ao Senhor.

Os que administram os fundos da obra deviam mostrar-se particularmente conscienciosos, quer se trate de uma escala

restrita, na igreja, quer no domínio mais amplo da pregação do Evangelho ao mundo inteiro. As coisas mudaram muito no decurso dos anos. Outrora faziam-se grandes sacrifícios. Hoje, há mais pretensões. Mesmo os jovens sem experiência pedem um bom salário. Não há tanto escrúpulo como outrora nas despesas. Pensa-se que para anunciar ao público o trabalho é necessária propaganda dispendiosa. Quando se preparam convenções, não se economiza tanto como antes. Nossas capelas e salas de reuniões são mais ricamente mobiladas. Parece por vezes que esquecemos por completo que somos apenas administradores dos bens celestes, e que gastamos o dinheiro de Deus e não o nosso.

Devia praticar-se uma economia maior. Um verdadeiro filho de Deus esforçar-se-á por gerir honestamente não só os seus próprios negócios, mas também os da Igreja. Aquele que é fiel nas pequenas coisas o é também nas grandes. O que sabe administrar a sua própria casa poderá também administrar a casa de Deus. Mas o que se revela incapaz de dispor judiciosamente do seu dinheiro não devia levar responsabilidades na Denominação.

Outro pensamento deve ser mencionado a este propósito. Se nos ocupamos em negócios, a nossa religião deve igualmente ditar o nosso comportamento nesse domínio. A pretensa «queda para o comércio» nem sempre é compatível com o Cristianismo. Um adventista jamais enganar-se-á alguém, ainda que isso pareça corrente sob o ponto de vista comercial: «É a proibição que deve ter a preferência.» «O dinheiro mal adquirido jamais aproveita.» Não deve tão-pouco renunciar aos seus princípios religiosos quando tratar dos negócios por conta da Obra. Certos cristãos, que ordinariamente pensam bem, acham que a religião acaba onde começam os assuntos de dinheiro. Isto infelizmente é mais comum do que se pensa, o que é lamentável. A maneira como nos comportamos no domínio financeiro revela o nosso grau de espiritualidade. É fácil mostrarmos «espirituais» nos cultos religiosos do Sábado de manhã. Mas para que serve essa «piedade», se é acompanhada da falta de escrúpulo ou de negligência na administração dos bens materiais?

Quer sejamos simples membros de igreja ou empregados da Obra, nunca esqueçamos que o Senhor nos escolheu para sermos Seus mordomos, e que a vida espiritual se manifesta também na maneira como tratamos dos assuntos financeiros.

O Sábado — oh! — fazei dele o mais doce, o mais abençoado dia de toda a semana. ...

Os pais podem e devem dar atenção aos seus filhos, lendo-lhes as mais atractivas porções da história bíblica, educando-os a reverenciar o dia de Sábado, guardando-o segundo o mandamento. Isto não pode ser feito se os pais não sentirem responsabilidade alguma para interessar seus filhos. Mas podem fazer do Sábado um deleite se seguirem um curso conveniente. As crianças podem ser interessadas na boa leitura ou em conversação acerca da salvação de suas almas. Mas terão de ser educadas e treinadas. O coração natural não gosta de pensar em Deus, no céu, ou nas coisas celestes. Deve haver uma resistência contínua à corrente de mundanismo e à inclinação para o mal, e aceitação da luz celeste.

Tenho verificado que no dia de Sábado muitos são indiferentes e não sabem onde os seus filhos estão nem o que fazem.

Pais, acima de tudo tomai cuidado de vossos filhos no dia de Sábado. Não permitais que violem o santo dia de Deus jogando em casa ou fora de casa. Podeis da mesma maneira transgredir vós mesmos o Sábado como deixar que vossos filhos o transgridam, e quando deixais que os vossos filhos vagueiem e permitis que joguem no Sábado, Deus olha para vós como transgressores do Sábado.

Os pais podem levar seus filhos fora de casa para contemplarem Deus na natureza. Podem ser-lhes mostradas as perfumadas flores, os botões desabrochando, as altaneiras árvores e as belas hastes de erva, e ensinar-se-lhes que Deus fez tudo isso em seis dias e ao sétimo dia descansou e o santificou. Assim os pais podem ligar suas lições de instrução a seus filhos de tal maneira que quando esses filhos olham para as coisas da natureza, são chamados a lembrar-se do grande Criador de tudo. Os seus pensamentos serão levados para o Deus da Natureza — remontados à criação do nosso mundo, quando o fundamento do Sábado foi posto, e todos os filhos de Deus rejubilavam. Tais são as lições a ser impressadas nas mentes dos nossos filhos.

Não devemos dizer aos nossos filhos que não sejam felizes no Sábado, e que é mau andar fora de casa. Oh, não. Cristo levava Seus discípulos para junto do lago no dia de Sábado e ali os ensinava. Os Seus sermões no Sábado nem sempre eram prêgados dentro de paredes fechadas.

OS JOVENS

e a melhor maneira de PASSAREM O SÁBADO

Por E. G. WHITE

Ensinai as crianças a verem Cristo na natureza. Levai-as para o ar livre, para debaixo das nobres árvores, para o jardim; e em todas as maravilhosas obras da criação ensinai-as a ver uma expressão do Seu amor. Ensinai-lhes que Ele fez as leis que governam todas as coisas vivas, que Ele fez leis para nós, e que essas leis são para nossa felicidade e alegria. Não as conseis com longas orações e fatigantes exortações, mas através das lições objectivas da natureza ensinai-lhes a obediência à lei de Deus.

Como podem as crianças receber um conhecimento mais correcto de Deus e como podem suas mentes ser melhor impressionadas, do que passando uma parte do seu tempo ao ar livre, não jogando, mas em companhia dos seus pais? Sejam as suas mentes associadas com Deus no belo cenário da natureza; chame-se a sua atenção para as manifestações do Seu amor para com o homem através das obras que Ele criou, e serão atraídas e interessadas. Não estarão em perigo de associar o carácter de Deus com tudo o que é rígido e severo; mas ao verem as belas coisas que Ele criou para a felicidade do homem, serão levadas a considerá-l'Os como um terno e amoroso Pai. Verão que as Suas proibições e preceitos não são feitas para apenas mostrar o Seu poder e autoridade, mas que Ele tem em vista a felicidade dos Seus filhos. E ao ser o carácter de Deus revestido do aspecto de amor, benevolência, beleza e atracção, são levadas a amá-l'Os. Podeis dirigir as suas mentes para os amáveis passarinhos que enchem o ar de música com os seus alegres cantos, para as hastes de erva e para as flores de gloriosas cores em sua perfeição perfumando a atmosfera. Tudo isto proclama o amor e sabedoria do Artista celeste e manifesta a glória de Deus.

Pais, porque não utilizar as preciosas lições que Deus nos deu no livro da natureza, para dar aos nossos filhos uma correcta ideia do Seu carácter? Os que sacrificam a simplicidade à moda e se apar-

(Continua na página 4)

A liberdade religiosa

— UM DOS DIREITOS FUNDAMENTAIS DO HOMEM

«Nenhum povo verdadeiramente civilizado pode deixar de garantir nas leis e na realidade os direitos fundamentais da pessoa humana.»

DR. OLIVEIRA SALAZAR

Quando o Cristianismo surgiu, havia no Império Romano uma religião oficial, cujo pontífice máximo era o imperador e cujos sacerdotes exerciam preponderante influência política.

O Cristianismo apresenta-se como uma religião estrangeira, ímpia aos olhos dos romanos. Para eles, constituía uma «superstição nova e maléfica», segundo Suetónio (1), ou, no dizer ainda mais expressivo de Tácito, uma superstição execrável («exitabilis superstitio»), odiada devido à maldade dos seus membros («per flagitia invisos»). (2)

Embora se tenha criado à sua volta uma atmosfera hostil, a princípio não existiam quaisquer leis de excepção expressamente criadas contra eles. Aplicava-se-lhes sobretudo a «Lex Julia majestatis», sob a alçada da qual os cristãos, negando-se a prestar culto ao imperador, eram acusados do crime de lesa-majestade.

Vivendo num ambiente desfavorável, os crentes eram naturalmente levados a organizar-se à margem da sociedade, constituindo associações mais ou menos secretas («illicita collegia»). Ora desde a República, e sobretudo desde César e Augusto, havia leis a esse respeito. Com Trajano, a legislação contra as «hetaeriae» ou «sodalitia» torna-se mais precisa, a ponto de ser proibida a organização de quaisquer associações ou sociedades, ainda as mais inofensivas, exceptuando-se apenas algumas associações fúnebres («collegia funeratitia»). Os cristãos passaram assim a ser perseguidos como membro de sociedades ilícitas.

Mas, apesar das perseguições, o número aumentava. Dizia Tertuliano no fim do II século: «Nascemos ontem, e já enchemos hoje o Império. ...Só vos deixamos vazios os templos.» (3) Apresentavam-se, pois, como um perigo social: as próprias bases do Império estavam em jogo.

OS JOVENS E O SÁBADO

(Continuação da página 3)

tam das belezas da natureza não têm mentes espirituais. Não podem compreender a sabedoria e poder de Deus revelados nas Suas obras criadas; por isso os seus corações não são despertados nem palpitam de novo amor e interesse, e não se enchem de respeito e reverência ao verem Deus na natureza. (*Child Guidance*, págs. 532-535).

Daí a necessidade de se elaborarem leis expressamente contra o Cristianismo. No início do século III, é publicado o edicto de Septímio Severo proibindo a propaganda da religião cristã e o recrutamento de novos adeptos. Pelos meados desse mesmo século, Décio vai mais longe: todos os cristãos são obrigados a apostatar perante um magistrado, sendo-lhes nessa altura passado um documento comprovativo do acto («libellus»). Depois de tentados todos os meios benignos, se persistissem na sua fé sofreriam penas, que podiam ir desde o confisco dos bens até à morte.

Mas o Cristianismo não cessava de se expandir. Por isso, Diocleciano, decidido a exterminar os cristãos, desencadeou em 303 a mais feroz perseguição contra eles. Sucedem-se os edictos, proibindo as reuniões, ordenando a destruição das igrejas e dos livros sagrados, retirando os direitos civis e políticos, submetendo-os a torturas, à prisão, ao exílio e à morte.

Todas estas medidas resultaram infrutíferas. Note-se, antes de mais, que, contra o que em geral se pensa, a Igreja durante os três primeiros séculos não viveu sob permanente estado de perseguição. Eram disfrutados longos períodos de paz, graças à tolerância de alguns imperadores e de muitos magistrados. Por outro lado, se as perseguições produziram grande número de mártires, maior foi o número dos que, embora cristãos de nome, se adaptaram às circunstâncias, de preferência a perderem as suas vantagens materiais. Calcula-se que, pelo princípio do século quarto, pelo menos cerca de metade da população do Império aderira ao Cristianismo. A política mais sensata dos imperadores seria adaptar-se à realidade dos factos e, em vez de perseguir a Igreja, fazer dela um instrumento da sua política. Foi a solução adoptada por Constantino, publicando, com Licínio, o célebre édito de Milão, em 313.

Nesse documento podiam ler-se as seguintes auspiciosas palavras: «Acordámos que, entre várias disposições úteis, nenhuma o era tanto nem tão urgente como ordenar o que diz respeito ao culto da divindade, e facultar assim aos cristãos, como a todos, que professam a religião por eles preferida... Ninguém seja, pois, impedido de abraçar a religião cristã, ou outra que melhor lhe pareça, para que assim a divindade cuja religião livremente seguimos nos mostre em tudo o seu costumado favor e benevolência.»

Sob o ponto de vista jurídico, foi, com este edicto, dado um grande passo no reconhecimento da liberdade religiosa individual. Infelizmente, como tantas vezes se repetiria mais tarde, a liberdade concedida a todos, em obediência às necessidades do momento, continha apenas um degrau para firmar a posição de determinado agrupamento religioso, que logo que se propor-

(1) Vita Neronis, 16. (2) Annales, XV, 44. (3) Apologeticum, XXXVII.

cionasse a ocasião coarctaria a liberdade dos outros e reclamaria para si o direito exclusivo à existência.

★

Unindo intimamente o Cristianismo ao Estado, Constantino foi o primeiro a infringir a letra do seu próprio edicto.

Com efeito, não só favoreceu o Cristianismo e o considerou, por assim dizer, como um departamento do Estado, mas especificou também qual a espécie de Cristianismo que considerava ortodoxo e a que concedia a sua protecção, e quais as seitas que considerava heterodoxas e proscruvia.

Por essa altura a Cristandade estava dividida por questões teológicas acerca da natureza divina de Cristo. Convocando e presidindo ao Concílio de Niceia, em 325, obteve o seguinte resultado: os arianos, chefiados por Ario, foram considerados hereges; os seus opositores, cuja figura principal era Atanásio, foram considerados ortodoxos. Aplicaram-se penas temporais àqueles, havendo alguns dos seus bispos sido exilados.

Estas disputas teológicas representavam apenas um aspecto de mais amplas lutas políticas, experimentando cada um dos sectores uma situação de favor ou opressão, conforme o imperador era pelos atanasianos, como Constantino, ou pelos arianos, como sucedeu com o seu filho Constâncio.

Outra disputa religiosa surgiu com o priscilianismo. O seu chefe, Prisciliano, foi julgado perante o imperador Graciano, resultando daí a sua morte e a de alguns dos seus seguidores.

Em 380 o Cristianismo ortodoxo era estabelecido, por Teodósio, como o único aceite legalmente no Império. Com efeito, decretava-se: «Autorizamos os que seguem esta doutrina a usarem o nome de cristãos católicos; e ordenamos que todos os outros, a quem consideramos insensatos e estultos, suportem a infâmia por defenderem dogmas heréticos; nem podem as suas congregações assumir o nome de igrejas. Pelo contrário, devem esperar ser visitados primeiro pela vingança divina e depois também pela da autoridade que temos recebido pela vontade do Céu.»

Não foram só as seitas que tiveram dificuldades. Os próprios pagãos, a quem a princípio fora dada toda a liberdade, se viram gradualmente perseguidos. A primeira lei contra as religiões pagãs do Império foi promulgada em 341, seguindo-se-lhe outras, que culminaram com a de 392, proibindo o culto pagão doméstico em que se queimasse incenso, sob pena de confisco das casas onde tal se desse. Em 394, Teodósio obteve do Senado um voto abolindo oficialmente o paganismo em Roma.

O uso da coerção pela autoridade civil em favor de uma única religião considerada verdadeira ia receber em breve a consagração teológica de um dos mais influentes pensadores da antiguidade cristã — Santo Agostinho. A sua concepção política da «Cidade de Deus», em oposição à Cidade terrena ou diabólica, era incompatível com a ideia de separação entre o Estado e a Igreja. Não é pois de admirar que defenda o direito de se recorrer à força para obrigar os rebeldes a seguirem o «verdadeiro» caminho (1).

São as normas jurídicas promulgadas por Teodósio e as ideias político-religiosas defendidas por Agostinho que informarão, acima de

quaisquer outras influências, o procedimento seguido na matéria durante toda a Idade Média.

★

Após a tomada de Roma pelos bárbaros em 476, define-se uma nova situação política na Cristandade, sobretudo graças à intervenção de Justiniano na elevação do prestígio do bispo de Roma. Desde 538, vencidos os heréticos hérulos, vândalos e ostrogodos, este fica sendo o verdadeiro chefe político do Ocidente. Com Gregório Magno (590-604), Gregório VII (1073-1085) e, sobretudo, Inocêncio III (1198-1216), o papado atinge um poder que o eleva, no plano político, muito acima dos governos das diversas nações que vão surgindo (2). Haja em vista, por exemplo, o carácter das relações entre Roma e os primeiros reis da monarquia portuguesa.

A princípio, a defesa da ortodoxia estava entregue aos bispos nas suas próprias dioceses, mas tal praxe revelava-se inoperante, — ou porque muitos bispos eram demasiado tolerantes, ou bastante ignorantes para diferenciar matizes heterodoxos de doutrinas, ou porque de tal maneira entregues aos interesses materiais que não tinham tempo para se dedicarem a outras ocupações.

Tornava-se aconselhável uma centralização maior, o que levou o IV Concílio de Latrão, em 1215, a tomar algumas medidas nesse sentido, e Gregório IX a estabelecer, em 1231, o Offício da Inquisição, particularmente confiado à Ordem dos Pregadores e destinado a reprimir dentro da Cristandade o judeísmo e, sobretudo, a heresia.

Um dos mais notáveis teólogos dominicanos, S. Tomás de Aquino, ao discutir se se devem tolerar os hereges («Utrum haeretici sint tollerandi») assim se expressa, como porta-voz do pensamento coevo: «É muito mais grave corromper a fé pela qual a alma tem vida, do que falsificar dinheiro, pelo qual se favorece a vida temporal. Ora se os falsificadores de dinheiro ou outros malfeitores imediatamente são entregues à morte, e com razão, pelos príncipes seculares, muito mais os hereges logo que sejam convencidos de heresia podem não só ser excomungados, mas também, com razão, ser mortos» (3).

De acordo com esta filosofia, já Inocêncio III ordenada a cruzada contra os Albigenses do sul da França, de que resultou, segundo alguns historiadores, o extermínio de, pelo menos, umas 75.000 pessoas.

Forças armadas foram também enviadas contra os valdenses do Norte da Itália, tendo como

(1) «O que deve ser considerado quando se exerce a coerção sobre alguém é, não apenas o facto da coerção, mas a natureza, boa ou má, daquilo sobre que ela se exerce. Não se trata de tornar alguém bom contra a sua própria vontade; mas de o levar, pelo recelo de sofrer o que não deseja, a renunciar aos seus preconceitos hostis ou a examinar a verdade que satisfeito ignora. Sob a influência deste recelo repudiará o erro que estava pronto a defender, ou procurará a verdade de que antes nada sabia, e de boa vontade sustentará o que antes rejeitava.» (Epistola XCIII, a Vicentius, cap. 5, par. 16).

(2) As teses do *Dictatus Papae*, independentemente da sua autoria, interpretam bem a maneira de pensar da época. Salientamos as seguintes:

«Que só ele (o romano pontífice) pode usar as insígnias imperiais.

«Que todos os príncipes devem beijar os pés do papa.

«Que lhe pode ser permitido depor os imperadores.

«Que ele pode absolver súbditos da sua vassalagem a homens ímpios.»

(3) *Summa Theologica*, II, IIae, quaest. XI, art. 3.

consequência a morte de muitos e o desaparecimento de comunidades inteiras.

Outros grupos religiosos foram perseguidos e exterminados.

A legislação portuguesa da época constitui apenas um eco do que se passava noutros países da Europa (1).

★

Ao entrarmos nos tempos modernos, por toda a parte vemos uma incoercível sede de emancipação, revelada nos campos literário, artístico, filosófico, económico, político e religioso.

Não admira, pois, que ao surgir o Movimento da Reforma, Lutero e os seus seguidores tenham preconizado o princípio da separação dos campos religioso e civil. Na Confissão de Augsburg, de 1530, lemos: «Este poder [o eclesiástico] é posto em execução pelo ensino da Palavra e a administração dos sacramentos... Por esse meio são concedidas, não coisas corporais, mas eternas; como uma eterna justiça, o Espírito Santo, a vida eterna. Ora estas coisas não podem ser recebidas senão pelo ministério da Palavra e dos sacramentos, como Paulo diz: 'O Evangelho é o poder de Deus para salvação de todo aquele que crê'.

«Como, pois, o poder eclesiástico diz respeito às coisas eternas, e se exerce apenas pelo ministério da Palavra, não contraria o governo político da mesma fonte que a arte de cantar não contraria o governo político. Porque a administração política está ocupada com outras matérias diferentes do Evangelho. A magistratura defende não as mentes mas os corpos e as coisas corporais, contra injúrias manifestas; e exerce coerção sobre os homens, pela espada e por castigos corporais, para defender a justiça e a paz civis.

«Portanto os deveres eclesiástico e civil não devem confundir-se. O poder eclesiástico tem a sua própria missão de pregar o Evangelho e administrar os sacramentos. Não entre pois pela força no ofício do outro; não transfira reinos mundanos; não abroge as leis do magistrado; não retire deles a obediência legal; não impeça julgamentos tocantes a quaisquer ordenanças ou contractos civis; não prescreva leis ao magistrado acerca da forma da república; como Cristo disse, 'O Meu reino não é deste mundo'. (João 18:36). E, 'Quem Me pôs a Mim por juiz ou repartidor entre vós?' (Luc. 12:14). E Paulo diz: 'A nossa cidade está nos céus' (Fil. 3:20). 'As armas da nossa milícia não são carnis, mas sim poderosas em Deus, para destruição das fortalezas, etc.' (2 Cor. 10:4). Desta maneira distinguem os nossos mestres entre os deveres de cada poder, e aconselham a todos os homens que honrem ambos os poderes e reconheçam que ambos são dons e bênçãos de Deus.»

Apesar da precisão com que aqui vemos estabelecido o princípio da separação entre o Estado e as Igrejas, Lutero e os seus seguidores viram-se na necessidade do apoio dos príncipes protestantes alemães, o que colocou automaticamente o Luteranismo sob o controle do Estado. A Paz de Augsburg, de 1555, dividindo a Alemanha em zonas estanques de influência («Cujus regio, ejus religio»), constituía a mais flagrante violação do princípio de liberdade religiosa no único sentido aceitável do termo.

Por sua vez Calvino não compreendeu melhor o princípio em jogo. Tornou-se até um dos para-

digmas clássicos de intolerância religiosa. Até à sua morte, 76 indivíduos recalcitrantes foram banidos de Genebra, e um — Miguel Servet — foi morto na fogueira.

Os séculos XVI e XVII, com as suas lutas religiosas, são em geral caracterizados por irredutível intolerância dos campos em presença.

Em França, onde o Calvinismo se desenvolvera, sobretudo entre as classes influentes, deu-se em 1572 o massacre de S. Bartolomeu, onde dezenas de milhares de huguenotes foram mortos sob a responsabilidade de Catarina de Médicis. Obtida uma solução, até certo ponto satisfatória, com o edicto de Nantes, de 1598, esse mesmo edicto era revogado em 1685, provocando o êxodo de milhares de reformados que se viram compelidos a procurar refúgio fora da França.

Nas outras nações católicas, como Espanha, Portugal, Áustria, Itália e, durante algum tempo, os Países Baixos, a mais tenaz intolerância foi exercida contra judeus e hereges. As fogueiras da Inquisição alumiarão lugubrememente esses séculos (2).

Na Inglaterra a intolerância era mútua, variando a sorte dos católicos e dos protestantes de acordo com a religião do soberano reinante,

(Continua na página 10)

(1) D. Afonso II ordenou o confisco dos bens aos «hereges vencidos por sentenças de seus prelados». *Ordenações Afonsinas*, Liv. II, tit. 54.

Em 1315, «El Rey Dom Donis, com Conselho da sua Corte manda e poeem por Ley, que quem quer que descreer de Deos, e de sua Madre, ou os doestar, que lhes tirem as linguas pelos pescotos, e que os queimem.» *Ibid.*, Liv. V, tit. 99.

Lei de D. João I, de 1416: «Por quanto des alguns tempos a ca por seus peccados alguuas pessoas caírom, e caeem em mul grave peccado de heresia, dizendo, e creendo, e affirmando cousas, que som contra o Nosso Senhor Deos, e a Santa Madre Igreja, nom temendo as grandes penas eternas, e temporaes, que pollos Direitos Comuus, e nossas leyx som postas: porem hordenamos, e estabelecemos que taales como estes, aalem das penas, que em direito Cumuum, e nossas Leyx lhe som postas, de seus bees se faça como mandarmos, e nossa mercee for.» *Ibid.*, Liv. V, tit. 1.

Lei de D. Afonso V: «Vistas per nós as ditas Leyx, declarando e temperando as penas en ellas contheadas, dizemos e poemos por Ley, que todo aquelle, que sanhuidamente renegar de Deos, ou de Santa Maria, se for Fidalgo, Cavalleiro, ou Vassallo, pague por cada vez que asy renegar mil reis pera a arca da piedade; e se for plam, dem-lhe vinte acoutes no Pelourinho, e em quanto o asy acoutarem metam-lhe pla lingoa huma agulha d'albardeiro, a qual tenha asy na lingoa, ataa que os acoutes sejam acabados. E aquel que arrenegar d'alguo outro Santo, se for Fidalgo, ou Cavalleiro, etc. pague quinhentos reis; e se for plam ande d'arredor da Igreja com huma silva ao pescoco cincoo sestas feiras, a saber, em cada huma sesta feira huma vez, em quanto estiverem aa Missa do dia, segundo agora se custuma de fazer.» *Ibid.*, Liv. V, tit. 99.

(2) Exemplo típico da legislação em vigor entre nós é a extensa lei de D. Sebastião contra os hereges, datada de 14 de Junho de 1571, e de que extraímos as seguintes linhas: «Conformando-me com outra provisão, que El Rei D. Manuel meu bisavô, que santa glória haja, sobre este caso passou, e com as penas dela, e assi com as que o direito comum põe no mesmo caso, defendo e mando que em meus reinos e senhorios não haja livros alguns de Lutero, Zuinglio, Calvino, Filipe Melanton, e Colompadio, nem de outros alguns hereges conhecidos, que tratem de religião cristã; nem haja outrossi livros de heregias sabidas e reprovadas pela Santa Madre Igreja de qualquer autor herege, que sejam, ou sem nome de autor, assim impressos como escritos de mão. E qualquer pessoa de qualquer estado, qualidade e preeminência que seja, que os tais livros imprimir, ou trazer, ou mandar trazer de fora do Reino, ou os vender, ou emprestar, ou em sua casa tiver, ou os ler, sabendo que livros são, morrerá por isso morte natural, e por esse mesmo feito perderá todos os seus bens para o meu Fisco e Coroa Real. E as mesmas penas de morte natural e perdimento de bens haverão todos aqueles, que maliciosamente encobrirem as pessoas culpadas em terem os tais livros ou usarem deles contra forma desta lei.» (*Apud* Fr. Manuel dos Santos, *Historia Sebastica*, Lisboa, 1735, Liv. II, cap. 18, págs. 274-277).

Tesouros que o dinheiro não pode comprar

por Ivy Baker Priest

≡ Tesoureira dos Estados Unidos ≡

Há pouco, o irmão Arthur S. Maxwell, director da revista Signs of the Times, numa viagem de avião, ficou casualmente sentado junto da Sr.^a Ivy Baker Priest, Tesoureira dos Estados Unidos. Depois de uma interessante conversa religiosa, a sua illustre interlocutora acedeu a escrever um artigo, que foi publicado na citada revista em 19 de Abril do ano corrente e que a seguir transcrevemos:

Todos os dólares da Tesouraria dos Estados Unidos, postos juntos, não poderiam comprar a dedicação e a devoção do povo para com os princípios da liberdade.

O irresistível e incessante progresso que tem dado aos Estados Unidos o mais alto padrão de vida no mundo não foi comprado com dinheiro.

O dinheiro não pode comprar patriotismo, progresso ou segurança. Estas são coisas predominantemente espirituais, que vivem nos corações de um povo, e não podem ser adquiridas por um governo com dinheiro nem com quaisquer objectos materiais proporcionados por ele.

O preço da nossa herança não foi o dinheiro, mas a incessante labuta e os prodigiosos esforços dos corajosos pioneiros que se estabeleceram neste país, lavraram o solo, abriram as pistas, extraíram os minerais da munificente terra, e fizeram avançar as fronteiras do Atlântico até às longínquas paragens do Pacífico. Na sua grande generosidade legaram às gerações subsequentes, a nós, a liberdade que compraram tão caro, a preciosa liberdade que o próprio dinheiro não podia comprar.

A nossa maneira americana de viver é mais do que um tesouro, é um cofre de tesouros, porque na verdade se compõe, não apenas de um, mas de uma multidão de direitos e liberdades mutuamente relacionados, o direito de adorar a Deus segundo os ditames da consciência de cada um, a liberdade de experimentar, de mudar, de buscar o conhecimento onde quer que levem as investigações.

Por meio de padrões materiais tem tido êxito o nosso sistema. Está dando o maior rendimento de riqueza material que o mundo jamais viu e proporciona o sistema de distribuição mais equitativo jamais alcançado.

Por meio de padrões espirituais atin-

ge-se ainda maior êxito, ultrapassando qualquer filosofia de governo jamais posta em prática. O poder espiritual da nossa maneira de vivermos é derivado da Bíblia. A fé na sabedoria de Deus e nas nossas capacidades para resolver os nossos problemas com o auxílio divino está profundamente enraizada na grande tradição americana.

A fé em Deus dá uma paz interior e uma satisfação maior do que a que deriva do poder do dinheiro para comprar. A fé nos preceitos e mandamentos de Deus alimenta a fé no homem e leva a boas relações, integridade, honestidade e compreensão entre todos. A compreensão lança o fundamento da confiança e cooperação, e encoraja o esforço para auxiliar os menos afortunados. Dá-nos a humildade para aprender dos outros, a coragem e força para fazer as nossas decisões. Ensina-nos a paciência em face dos obstáculos e encoraja-nos a ser suficientemente generosos para partilhar a nossa boa fortuna com os outros. Habilita-nos a encarar as preocupações com uma face sorridente, a conservar um espírito optimista, esperançoso e juvenil, a ser conduzidos por normas de virtude, a evitar a estultícia e a conservar como supremas em nossos pensamentos as coisas eternas da vida.

O dinheiro não pode comprar a educação nem o carácter para os jovens; não pode dar-lhes uma segurança saudável, uma confiante atitude na sua capacidade para enfrentar a vida. O carácter só pode ser edificado quando as aspirações dos jovens se elevam acima dos bens mundanos para elevados ideais que os desafiam a ser e a fazer o melhor que lhes seja possível.

O dinheiro não pode comprar o progresso, que deriva de se perguntar, procurar, bater a todas as portas que estão diante de nós, saindo por vezes vagarosamente de penosa e paciente investigação dos mistérios do desconhecido, e outras vezes surgindo de luminosas e brilhantes intuições.

A verdade não pode ser comprada com dólares. O dinheiro não pode comprar a paz e satisfação que brota de um coração compreensivo. Lares felizes, educação, carácter, confiança, respeito próprio, bon-

CARTA DE UM PAI MORIBUNDO À SUA JOVEM FILHA

(Esta carta foi composta por um pai moribundo para ser entregue à sua jovem filha depois da sua morte. Foi escrita na primeira metade do século dezanove à avó de um dos nossos membros de igreja que actualmente tem uns setenta anos. Revela o cuidado ansioso de um pai pela sua filha na própria hora da morte, constituindo um digno exemplo para todos os pais de hoje. A carta foi-nos enviada por um dos nossos pastores na Califórnia. — Nota do editor de Review and Herald, onde foi pela primeira vez publicada).

Minha querida Maria Ana:

Encontrando-me, tremendo, no limiar do mundo eterno, convencido de que os meus dias estão prestes a terminar e que dentro em breve te serei arrebatado, não posso deixar de sentir-me profundamente interessado pelo teu bem-estar, e com todo o sentimento de um pai aproveito um momento de alívio dos meus sofrimentos para dar os meus últimos conselhos à minha querida filha mais velha.

Não murmuro por a Providência ter achado por bem chamar-me para Si, porque embora me fosse grato ser poupado para completar a tua educação, e te ver felizmente colocada na vida, posso alegremente à ordem do nosso Pai celeste deixar-te ao Seu cuidado, d'Ele que prometeu ser um Pai para os órfãos. Sei que Ele terá cuidado de ti, e protegerá a tua desprotegida juventude, de maneira que os braços ternos da Sua misericórdia e amor estejam à tua volta.

Como sinal da minha estima para contigo dou-te o bordado com os dizeres «Túmulo de Washington», que te peço que guardes em lembrança de teu pai, e com ele desejo dar-te a minha bênção, e pedir-te que te «lembres agora do teu Criador nos dias da tua mocidade, antes que venham os maus dias, e cheguem os anos dos quais venhas a dizer: Não tenho neles contentamento». Aconselho-te a que por tudo procures «primeiro o reino de Deus, e a sua justiça».

Não és nova demais para procurar a religião. Muitos jovens mais novos do que tu têm sido eminentes pela piedade, e o saber que também o serás faz-me alegrar.

Deixa-me dizer-te que uma piedade profunda é essencial para a felicidade, e que sem ela nenhum bem terreno pode proporcionar o mínimo gozo permanente. Ela dar-te-á conforto na vida e qualificar-te-á para te encontrares comigo num estado mais feliz, em cima, nos céus. A fim de que o possas alcançar, assiste ao culto de Deus em público, e ora muito e fervorosamente a Deus em segredo.

Arrepende-te dos teus pecados de todo o teu coração, crê no Senhor Jesus Cristo e serás salva. Serás salva dos teus pecados aqui, e salva depois no céu. Tem pois coragem, minha filha, para buscar cedo ao Senhor, porque Ele disse: «Eu amo aos que Me amam, e os que cedo Me buscam Me acharão».

Em relação com isto peço-te solenemente que obedças à tua mãe em todas as coisas lícitas, e cultives o mais inalterável afecto pelo teu irmão e irmãs, visto seres a mais velha. Vigiarás sobre os mais tenros anos de Isabel e de Elisa, e aliviarás tanto quanto possível a tua mãe no desempenho dos seus duplos deveres, de pai e mãe, que recairão sobre ela. Não posso pensar que seja possível que jamais venhas a ser culpada de desobediência ou ingratidão para com tua amorosa mãe.

Nunca, peço-te, nunca consintas que do seu coração brote uma lágrima de tristeza por tua causa. Segue implicitamente o teu conselho, e nunca empreendas qualquer coisa sem pedir o seu parecer. Se as restrições que ela te impuser te parecerem severas, lembra-te de que ela sabe que são necessárias. Peço-te, uma vez mais, que nunca a desgostes.

No teu trato com os outros, sejam os teus amigos poucos e escolhidos, e na tua escolha deles deixa que a inteligência e a piedade sejam os predicados que os recomendem, porque sem isso não melhorariam a tua mente nem o teu coração.

Sê sempre respeitadora dos teus superiores; numa palavra, sê bondosa e atenciosa para com todos.

Desta maneira serás amada e respeitada por todos os teus conhecidos e amigos, e adquirirás uma influência moral sobre todos que será decididamente para tua

(Continua na página 12)



PÁGINA DA JUVENTUDE

||||||| **Torna-te a pessoa** |||||
 ||||| **que desejas ser** |||||

Há uma lenda acerca de um príncipe corcunda. À medida que se ia tornando homem, sentia muito a sua deformidade física. Certo dia disse a um habilíssimo escultor que o servia: «Faça-me a estátua com as costas direitas, de maneira que eu me possa ver tal como eu poderia ter sido».

Quando a estátua ficou pronta, o príncipe disse: «Coloque-a num lugar escondido do jardim do palácio, onde eu possa ir muitas vezes contemplá-la». E, assim, mês após mês o príncipe ia ao jardim sozinho, e contemplava longamente a imagem do homem que ele poderia ter sido, e qualquer coisa parecia pôr-lhe o sangue a zumbir e o coração aos saltos. Com o decorrer do tempo, o povo começou a dizer: «As costas do príncipe parece que já não estão corcundas como eram». «O príncipe tem agora melhor aspecto do que antes».

Chegou, porém, um dia em que, indo o príncipe ao jardim como de costume, compreendeu de repente que suas costas se haviam tornado tão direitas como as da estátua e, como a dela, era nobre sua própria frente. Tornara-se o homem que ele anelava ser!

Paulo declarou com veemência: «Mas todos nós, com a cara descoberta, refletindo como um espelho a glória do Senhor, somos transformados de glória em glória na mesma imagem, como pelo Espírito do Senhor». II Cor. 3:18.

O fixar os olhos em Jesus Cristo, tornar-nos-á possível fazer-nos semelhantes a Ele. Esta mudança envolve inteira transformação. É tão real como a transformação de uma feia lagarta em bela borboleta.

Esboça para ti a pessoa que desejas ser. Mantém diante de ti esse retrato. Descobre as relações entre o que és e o que esperas tornar-te.

Quando Benjamin Franklin era jovem, escreveu uma lista dos treze factores do carácter, ou virtudes, que tinha como objectivo na vida. Em um livro especial-

mente preparado para isso, ia registando diariamente o seu progresso. Pôs diante de si a pessoa que desejava ser.

A química realiza muitas maneiras de transformação. Coisa alguma parece menos promissora do que o alcatrão ordinário; entretanto, pode transformar-se numa coisa bela.

Alguém escreveu sobre um professor de química que observava, numa grande cidade americana, uma rua que estava sendo pavimentada. Bidões de alcatrão estavam enfileirados ao lado da rua. Evidenciava-se o desagradável cheiro de alcatrão aquecido. O químico viu o que a média das pessoas deixava de ver. E disse: «Mal se cuida em que esta rua está sendo pavimentada com as mais belas cores do Mundo, para não falar nos aromas aprazíveis e nas drogas medicinais. Se aquele alcatrão fosse levado a um químico, ele seria capaz de extraviar-vos essa beleza».

Quando Pedro foi levado a Jesus por seu irmão André, o Mestre disse: «Tu és Simão, filho de Jonas; tu serás chamado Cefas (que quer dizer Pedro)». S. João 1:42.

A média dos indivíduos não viu em Pedro o valor que foi instantaneamente visto por Jesus. As aparências indicavam não ser ele muito promissor. Seu temperamento levava-o de um a outro extremo. Era como o pêndulo de um relógio, todo de um lado ou do outro. Todavia Pedro foi transformado em uma coluna da igreja. Seus traços tornaram-se fortes por Cristo. Jacob, o suplantador, tornou-se Israel, o príncipe que prevalece com Deus.

Saulo, o perseguidor dos cristãos, transformou-se em Paulo, o grande apóstolo dos gentios.

Maria, irmã de Lázaro, fora habitação de demónios e todavia sentou-se aos pés de Jesus e d'Ele aprendeu. «Foi Maria

(Continua na página 12)

A liberdade religiosa

(Continuação da página 6)

até que, com a revolução de 1688, o parlamento promulga uma Declaração de Direitos («Bill of Rights»), em que se declara ilegal a intervenção da corte no exame das causas eclesiásticas e se estabelecem, com a liberdade da palavra, outros direitos básicos da pessoa humana. No ano seguinte, Guilherme III ocupa o trono e é publicado o «Acto de Tolerância», em que se reconhece a existência de dissidentes religiosos. Note-se, porém, que apenas são abrangidas quatro seitas dissidentes (os Presbiterianos, os Congregacionalistas, os Baptistas e os Quakers), ficando excluídos os católicos romanos e outras seitas protestantes não mencionadas.

Podemos dizer sem receio de errar que, se a intolerância católica foi em geral absoluta durante os séculos XVI e XVIII, não se aventajou muito a ela a tolerância protestante. Nalguns casos, como sucedeu aos anabaptistas na Suíça e na Alemanha, e aos Puritanos na Inglaterra, as perseguições excederam tudo o que seria de esperar de quem professava fazer da Bíblia a sua única regra de conduta.

★

Perseguidos na Europa, numerosos foram os protestantes que passaram ao Novo Mundo em busca de liberdade.

Desde 1607 se iniciara na América a colonização inglesa. Embora a princípio os colonos não se tenham para ali deslocado por motivos religiosos, cada agrupamento mantinha a sua confissão característica.

O primeiro desembarque de fugitivos deu-se em 1620, nas costas da Nova Inglaterra, constituído por um grupo de separatistas religiosos ingleses, conhecidos pelo nome de Pais Peregrinos. Em 1628, começaram a ir os Puritanos. Não só da Inglaterra, mas de diversos países da Europa, e pelas mesmas razões, outros grupos seguiram depois — Quakers ou Amigos, Lutcranos, Menonitas, Dunkers, Morávios, Schankfeldianos, Huguenotes, Presbiterianos, Congregacionalistas, Baptistas e até Católicos.

Triste é dizer-se que muitos destes, em especial os Puritanos da Nova Inglaterra, apesar de terem fugido à perseguição, depois de estabelecidos não toleravam facilmente a vinda de membros de outras denominações que, como eles, procuravam a liberdade. Nalguns casos chegaram a ser aplicadas torturas. Constituíram honrosas excepções a Pensilvânia, onde Guilherme Penn com os seus Quakers abriu as portas a todos os perseguidos, e Rhode Island, onde Roger Williams fundou um Estado, onde pôs em prática os princípios em que basearia a filosofia da liberdade religiosa na América.

Foi na Virgínia que, sobretudo pela acção dos Baptistas, pela primeira vez se elaborou um estatuto geral concedendo não apenas tolerância

mas a mais completa liberdade religiosa para todos os indivíduos.

★

No fim do século XVIII, nota-se uma forte tendência para se estabelecer um código de direitos básicos de liberdade pessoal, dando-se assim a eclosão do fruto que em dois campos diferentes vinha amadurecendo havia séculos. No campo religioso, com a emancipação da imposição de doutrinas pela autoridade humana, e as consequentes lutas e sofrimentos, inúmeras eram as vozes que clamavam pelo reconhecimento do direito fundamental de cada um seguir livremente a religião que reputasse como verdadeira. No campo filosófico, a corrente de emancipação mental que se vinha avolumando desde o século XVI, graças neste século às tendências humanitárias de pensadores como Locke, os Enciclopedistas, e em especial Voltaire e Rousseau, reclamava-se o reconhecimento legal dos direitos básicos da pessoa humana. Assim surgiu a Declaração de Direitos («Bill of Rights»), aprovada na Assembleia da Virgínia em 12 de Junho de 1776, na qual se lia: «A religião, ou o dever que prestamos ao nosso Criador, e o modo de a cumprir, só pode ser dirigida pela razão e a convicção, e não pela força ou violência. E portanto todos os homens têm igual direito ao livre exercício da religião, segundo os ditames da própria consciência; e constitui mútuo dever de todos a prática da tolerância, amor e caridade de uns para com os outros.» (Secção 16).

Esta Declaração de Direitos, que constituiu o primeiro passo para a elaboração de uma Declaração de Direitos Federal, donde saiu a Constituição dos Estados Unidos, estava destinada a exercer a mais ampla influência no mundo. Pelas repercussões que teve, podemos considerá-la como assinalando o início da legislação moderna sobre os direitos fundamentais do homem.

★

Com efeito, é inegável a influência directa das «Declarações de Direitos» americanas, e sobretudo da Virgínia, sobre a Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão votada pela Assembleia Nacional Francesa em 26 de Agosto de 1789. Os princípios da liberdade religiosa são aqui estabelecidos nos seguintes termos: «Ninguém deve ser incomodado pelas suas opiniões, embora sejam religiosas, contanto que a manifestação das mesmas não perturbe a ordem pública estabelecida pela lei. A livre emissão das opiniões e dos pareceres é dos direitos mais preciosos do homem; portanto, todo e qualquer cidadão pode falar, escrever e imprimir livremente, salvo nos casos em que o abuso desta liberdade implique uma responsabilidade determinada pela lei.» (Artigos 10 e 11).

Por sua vez esta Declaração, redigida numa língua universalmente conhecida na época, exerceu a mais profunda influência em todos os países da Europa e da América Latina. As Constituições políticas redigidas durante o século XIX e o primeiro terço do século XX foram por ela orientadas. No dizer de uma autoridade no assunto, «a Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão de 1789 permanece, na história política e constitucional moderna, o texto 'clássico', imitado, adoptado e seguido.» (B. Mirkine-Guetzevitch).

★

No decurso do século XX, desviando-se da corrente liberal, surgiram alguns movimentos neo-absolutistas, como o nazismo e o fascismo, minimizando o valor do indivíduo em relação ao Estado e violando, entre outras, a liberdade religiosa. A segunda Guerra Mundial, com todos os seus horrores e sacrifícios, foi suportada precisamente em defesa dos direitos básicos do indivíduo contra a tirania estadual.

Não admira pois que a enunciação desses direitos se tenha reafirmado logo desde S. Francisco, como expressão universal dos desejos do mundo moderno.

Entre os objectivos da Organização das Nações Unidas, figura o seguinte no artigo primeiro da Carta: «3. Realizar a cooperação internacional resolvendo os problemas internacionais de ordem económica, social, intelectual ou humanitária, desenvolvendo e encorajando o respeito dos Direitos do Homem e das liberdades funda-

mentais para todos sem distinção de raça, de sexo, de língua ou de religião.»

Em 10 de Dezembro de 1948, a Assembleia Geral das Nações Unidas, reunida em Paris, interpretando as aspirações da humanidade de hoje, adoptou e proclamou a Declaração Universal dos Direitos do Homem.

Entre esses direitos encontra-se, como seria de esperar, o da liberdade religiosa:

«Art. 2. Cada um pode prevalecer-se de todos os direitos e de todas as liberdades proclamadas na presente Declaração, sem distinção nenhuma, designadamente de raça, de cor, de sexo, de língua, de religião.

«Art. 18. Toda a pessoa tem o direito à liberdade de pensamento, de consciência, de religião: este direito implica a liberdade de mudar de religião ou de convicção assim como a liberdade de manifestar a sua religião ou a sua convicção, só ou em comum, tanto em público como em privado, pelo ensino, as práticas, o culto e a realização de ritos.»

A liberdade religiosa, tal como hoje é compreendida pelo mundo civilizado, abrange pois quatro aspectos, todos eles importantes e mutuamente inseparáveis: 1) liberdade de crença; 2) liberdade de culto; 3) liberdade de conversão ou de mudar de religião; 4) liberdade de testemunhar ou de propaganda.

Ao cabo de um longo caminho regado por sangue e lágrimas, experimentadas as perseguições ou uma tolerância mais ou menos precária, o mundo moderno chegou finalmente ao reconhecimento (pelo menos na letra) da mais completa liberdade religiosa.

E. FERREIRA

DEPARTAMENTO DE PUBLICAÇÕES DA UNIÃO PORTUGUESA

RELATÓRIO DE VENDAS REFERENTE A ABRIL DE 1955

NOMES	HORAS	LIVROS	REVISTAS	TOTAL
António G. Duarte	205	4.890\$00	3.905\$00	8.795\$00
Clemente A. Sales	28	4.140\$00	350\$00	4.490\$00
Adelino Nunes Diogo	201	4.355\$00		4.355\$00
João António	187	3.420\$00	255\$00	3.675\$00
Idalina Ferreira	121		3.070\$00	3.070\$00
Maria L. Saboga	140		2.640\$00	2.640\$00
Isaias da Silva	106	1.975\$00		1.975\$00
Flora Saramago	192		1.545\$00	1.545\$00
Mariana Casimiro	171		1.185\$00	1.185\$00
José António Oliveira	67	110\$00	855\$00	965\$00
Victor Tavares	22	925\$00		925\$00
Afonso António	192	840\$00		840\$00
Júlia Sanches	183	425\$00	360\$00	785\$00
Júlia Costa	10		575\$00	575\$00
	1.825	21.080\$00	14.740\$00	35.820\$00

O Sec. Publicações
Fernando Garcia Mendes

TORNA-TE A PESSOA QUE DESEJAS SER

(Continuação da página 9)

quem primeiro proclamou o Salvador resuscitado». — *O Desejado de Todas as Nações*.

«Ele está efectuando tão surpreendentes transformações, que Satanás, com toda a sua vitoriosa jactancia, com toda a sua confederação do mal unida contra Deus e as leis do Seu governo, fica a olhá-las como fortalezas inexpugnáveis a seus sofismas e enganosa. Essas transformações são para ele incompreensível mistério». — *Testimonies to Ministers*, pág. 18.

Conta-se que um dia a rainha Vitória visitou uma fábrica de papel. O dono mostrou-lhe todo o trabalho e as dependências, ignorando aliás que ela fosse a rainha. Entre outros lugares, levou-a ao compartimento dos trapos. Ao ver esses trapos sujos, imundos, ela exclamou: «Como se poderão eles tornar brancos?» Ao que o proprietário respondeu: «Ah, senhora, tenho um processo químico muito poderoso, pelo qual posso tirar a cor mesmo daqueles trapos vermelhos». Antes de ela se retirar, ele veio a saber quem era a sua visitante.

Alguns dias mais tarde, a rainha encontrou em sua secretária uma porção do papel mais fino e belo que ela já vira. Em cada folha achavam-se suas iniciais, bem como sua efígie. Uma cartinha inclusa dizia: «Tenha a rainha a bondade de aceitar um espécime de meu papel, que lhe posso assegurar haver sido, cada folha do mesmo, fabricado com os sujos trapos que viu no quarto atrás. E creio que o resultado é de maneira a poder ser admirado pela própria rainha. Permitir-me-á também a rainha dizer-lhe que tenho tirado para mim mesmo muito bom serviço de minha fábrica? É-me possível compreender como o Senhor Jesus pode tomar o pobre pagão, e o mais vil entre os vis, e purificá-lo; e, como ainda que seus pecados sejam como a escarlata, Ele os pode tornar brancos como a neve. Posso ver também como lhe é possível colocar sobre eles seu próprio nome; e da mesma maneira que esses trapos transformados podem entrar no palácio real e ser admirados, assim podem os pobres pecadores ser recebidos nas cortes do Grande Rei».

Há porventura em vossa vida alguma coisa que necessite de transformação? Re-

Carta de um pai moribundo

(Continuação da página 8)

vantagem em cada situação da vida em que a Providência haja por bem colocar-te.

Quando leres isto, já o teu pai não existirá; ter-me-ás acompanhado à sepultura e dado um longo adeus — espero que não um eterno adeus!

Alimento agora a esperança de que de novo me encontrarei com a minha querida Maria Ana onde já não haverá mais separação. A minha última oração será que Deus te proteja dos perigos a que possas estar exposta, e te salve e reuna a Si com todos os remidos. Até então, adeus.

Fico, minha querida filha,

Teu Pai muito amigo

TESOUROS

QUE O DINHEIRO NÃO PODE COMPRAR

(Continuação da página 7)

dade, generosidade e paz — estas diferentes formas de valiosos tesouros não podem ser compradas pelo dinheiro.

Nem podem vir para os que estão cheios de suficiência própria. Estes tesouros vêm apenas para os que buscam a direcção de Deus, e bebem nos inexauríveis mananciais de poder que se encontram na Bíblia.

É porque como povo pusemos a nossa fé na sabedoria de Deus que somos fortes.

O lema «Em Deus Confiamos», que desde há muito tempo se encontra gravado nas moedas americanas, e recentemente também em selos postais, tem estado sempre profundamente gravado nos nossos corações. Habilitou os nossos antepassados a permanecerem, por assim dizer, sobre os seus dois pés e a sustentar o seu sólido peso.

Se tão-somente resolvermos rededicar as nossas vidas a um viver cristão, os tesouros que o dinheiro não pode comprar continuarão a multiplicar-se e a América será invencível e segura.

conheceis imperfeições que precisam de ser corrigidas? Estudando diariamente o carácter de Cristo, e mantendo-o constantemente diante de nós como modelo, seremos transformados à Sua semelhança.

Vernon W. Becker

Uma nova igreja Adventista em Lisboa

Sem que o desejássemos ou disso nos apercebêssemos, vimos aplicado a uma necessidade urgente, o conhecido ditado da prudência: «devagar que tenho pressa.»

De facto, quase cinco anos vão decorridos desde que a direcção da Obra em Portugal resolveu dar uma maior expansão ao trabalho de evangelização em Lisboa e, só agora, após muitas hesitações sobre como e por onde começar, o Senhor nos deparou um lugar que constituiu o ponto de partida para a realização de um plano que, dia a dia, mais se impunha levar a efeito nesta já bem grande cidade de Lisboa.

Com efeito, nos primeiros dias do mês de Janeiro do corrente ano, foi efectuado o contrato de arrendamento de um salão, no populoso Bairro de Alvalade, destinado à pregação da mensagem do Advento.

As características da sala e a dignidade do fim a que se destinava, impuseram a realização de certas obras de adaptação que só em fins de Abril ficaram concluídas.

O Sábado 30 de Abril foi o dia escolhido para a inauguração desse modesto lugar de culto.

O acontecimento não era de todo vulgar, como não o é qualquer acto relacionado com a expansão da Obra do Senhor na Terra. Temos a confirmá-lo o interesse com que um bom número de nossos irmãos da Igreja da Rua Joaquim Bonifácio nos acompanhou nessa jornada para fora de «Jerusalém».

Bem cedo começaram a chegar ao N.º 29 da Rua Acácio de Paiva, os irmãos que desejaram unir-se aos residentes naquele Bairro, para o grande acontecimento.

Tudo se passou com aquela simplicidade que o Céu aprecia e que deve ser apanágio daqueles que mais dele se desejam aproximar.

A hora regulamentar, deu-se início à Escola Sabatina com a leitura do Salmo 95 e o hino 209 seguindo-se uma breve mas fervorosa prece do Irmão Dr. Manuel Santiago Nogueira, que secretariava esta primeira Escola Sabatina.

A lição do dia intitulada: «O surgimento da Igreja Remanescente», que por sinal se applicava bem à circunstância, foi passada em conjunto e seguida com interesse pela assistência.

Enquanto se fazia a leitura do Boletim Missionário e respectivos comentários, pudemos constatar vários gestos de espontânea generosidade que muito sensibilizaram a assistência. Alguns irmãos, sendo a maioria deles membros da nova Igreja, acorreram até junto da mesa da Escola Sabatina trazendo várias ofertas de acções de graças por mais uma nova casa de culto que se abria. Ofertas e colecta totalizaram 560\$00.

O culto solene de consagração, dirigido pelo Pastor Ernesto Ferreira, principiou com o hino 40, «Louvamos-Te ó Deus pelo dom de Jesus», entoado com entusiasmo pela assistência, que entre Irmãos e visitas se calculou acima de 200 pessoas.

Ajoelhámos em seguida para sermos dirigidos em oração pelo Pastor Ferreira. Ouvia-se depois um óteto de jovens, que cantou: «Ide meu filho procurar».

Seguiu-se no uso da palavra o irmão pastor Ferreira que leu em I de Reis, cap. 8.

Numa inspirada exposição, fez volver os nossos pensamentos para a dedicação do Templo de Jerusalém e a oração feita nessa altura por Salomão. Esse glorioso edifício, orgulho do povo judeu e onde a glória de Deus tantas vezes se manifestou, não podia ser comparado à humilde casa que se inaugurava. Era um edifício maravilhoso, mas, talvez por isso mesmo, o povo começou a confiar mais nele do que no Senhor seu Deus. E então o templo, de que tanto se orgulhavam e do qual diziam: «Templo do Senhor, templo do Senhor, templo do Senhor é este» (Jer. 7:4), foi destruído e o povo levado cativo para Babilónia. Mais tarde reedificado, o segundo templo não se comparava ao primeiro em beleza, mas segundo Ageo 2:7, 9, a sua glória seria maior do que a do primeiro, porque a ele viria o «Desejado de todas as Nações». Contudo o povo rejeitou o Messias que teve de se limitar a prègar nas ruas e praças de Jerusalém. Deus deixou de se manifestar nesse templo que pouco depois foi definitivamente destruído para nunca mais ser reconstruído.

Continuando na sua exposição, o irmão Ferreira disse que talvez um pouco mais apropriadamente pudéssemos comparar a nova casa ao tabernáculo construído por Moisés e que acompanhava o povo nas

suas peregrinações. Não estava sempre no mesmo lugar, o mesmo podendo acontecer àquela casa que não sendo propriedade nossa, poderia amanhã ser trocada por outro lugar mais conveniente. Esse tabernáculo que acompanhou o povo no deserto e que depois se fixou em Silo, também não foi sempre uma bênção para o povo de Israel. Tendo-se desviado dos caminhos de Deus, o povo pensou que o simples facto de ter a Arca do Concerto no seu meio, era o bastante para o livrar de todos os perigos. E numa altura em que a sua terra foi invadida por inimigos, em vez de se chegarem a Deus, pegaram na Arca e le-

res e Maria mãe de Jesus e com seus irmãos».

Foi naquele mesmo lugar que se cumpriu a promessa feita por Jesus, do envio do Espírito Santo no dia de Pentecostes. Ali os discípulos receberam o sopro divino que os devia habilitar a levar ao Mundo a mensagem de um Salvador ressuscitado e assunto ao céu.

Semelhante ao cenáculo, aquela sala que se inaugurava no bairro de Alvalade, devia ser um lugar de oração e comunhão e onde a mensagem de um Salvador prestes a vir devia ser prègada com o poder do Alto.

A Igreja de Alvalade tem o prazer de convidar os prezados leitores da «Revista Adventista» que o possam fazer a assistir a qualquer das suas reuniões de: Sábados às 10 às 12. Domingos, terças e quintas-feiras às 21 horas



No culto de inauguração da Igreja de Alvalade

varam-na para o meio da batalha. Mas se o povo não estava em boa situação espiritual, não era a Arca em si que os santificava. O povo foi derrotado e a Arca de Deus levada cativa pelos inimigos.

Chegando ao fim da sua exposição disse que a melhor comparação que podia ser feita com a sala que se inaugurava era a do Cenáculo, essa câmara alta onde Jesus se reuniu com os Seus discípulos. Situado talvez num primeiro andar, pois diz que «entrando subiram ao cenáculo (Actos 1:13), esse lugar honrado com a presença de Jesus que ali se reuniu com os seus apóstolos, tornou-se depois da Sua ascensão, o lugar predilecto dos discípulos, onde se reuniam «unanimesmente em súplicas e acções de graças, com as mulhe-

Fez votos para que o pequeno grupo de Alvalade seja um fermento vivo que, levando, possa influenciar uma grande massa a ser arrecadada nas despensas eternas.

Toda a assistência de pé, em atitude de grande recolhimento, acompanhou com fervorosos amens, a oração de dedicação feita pelo pastor Ferreira.

«Jesus, Pastor amado», foi mais uma vez invocado no hino 290. Depois da oração final feita pelo signatário, a congregação entoou «Vem, visita a Tua Igreja».

Assim se completou mais uma página na história desta Causa que tanto amamos e desejamos ver finalizada.

P. Brito Ribeiro

NOTÍCIAS DO CAMPO

CONFERÊNCIA PORTUGUESA

Lisboa

Sábado, 14 de Maio. Ao fim de 5 semanas de trabalho intenso, temos o prazer de noticiar que o alvo da Campanha das Missões foi alcançado. Na verdade, a Igreja, animada de bom espírito missionário, pôs ombros à tarefa com a certeza da vitória; e alcançou-a por meio da fé e da oração.

Resta-nos, agora, agradecer a Deus o Seu auxílio e pedir-Lhe que o Seu Santo Espírito faça com que essas revistas e folhetos, deixados em milhares de lares da Capital, se traduzam em outras tantas almas ganhas para o Seu Reino.

Na tarde deste lindo Sábado de Primavera, com a sala e galerias do nosso templo completamente cheias, teve lugar a segunda cerimónia baptismal deste ano. Quis Deus presentear a Sua Igreja, colocando, no seu regaço, um ramalhete de nove preciosas almas (4 homens e 5 senhoras) que, pelo testemunho público da sua fé, renunciaram à sua vida passada e se esforçam por viver uma vida escondida em Cristo. Que o Senhor Jesus ampare e guie estas almas através do caminho escabroso da vida até que os seus pés pisem o portal da eternidade.

Juvenal Gomes

Coimbra

De uma carta do Pastor Marcelino M. Viegas transcrevemos as seguintes inspiradoras palavras:

«É com imenso prazer que lhe comunico o sepultamento de seis preciosas almas (5 da Figueira e 1 de Coimbra) ontem, 7 de Maio. Claro que já me compreendeu — sepultadas para o pecado, mas nascidas de novo para Deus. Morreram os velhos homens e mulheres, para ressuscitarem como filhos de Deus em Cristo Jesus.

Não é completo, no entanto, o nosso júbilo, por acharmos demasiado pequeno este número. Contudo, para nos animarmos, se considerarmos a dureza dos corações e o indiferentismo dos ha-

bitantes desta região, sentimos o desejo de agradecer a Deus o muito que Ele fez mediante o Seu Espírito Santo para convencer estas almas da necessidade de se entregarem a Cristo por este meio indicado por Ele.

Apesar de ser um dia de imensa alegria para toda a igreja de Coimbra, a comoção apoderou-se de muitas almas, principalmente de interessados, e via-se pranto em muitos olhos.

Pedimos aos presentes que espontaneamente se manifestassem e nos dissessem se estavam prontos a também, deste modo, morrerem em Cristo, e exactamente o mesmo número dos que se baptizaram disseram querer preparar-se para o baptismo.

Estamos esperançados de que ainda este ano teremos mais alguns baptismos, mas devemos dizer que desejávamos muitos mais e por isso cantamos, entre um misto de alegria e de tristeza, o seguinte:

A pobre humanidade se encadeia
No fanatismo antigo ou no moderno!
Dizendo crer em Deus, não O receia
Nem segue o Seu conselho bom e terno.

O campo do Mondego, só de areia
Trazida pelas cheias do inferno!
Só uma espiga de seis grãos, um tanto cheia,
Pagou como tributo a Deus eterno.

A igreja não se cansa e em zelo santo
Semente lança à areia e com seu pranto
A rega, — o Evangelho e a Lei...

Sabendo que os anjos vêm do Céu
Colher, neste deserto, o fruto seu
Levando-o em amor ao grande Rei!

Deus seja louvado por aquilo que fez e nos ajude como instrumentos eficazes nas Suas mãos para uma colheita mais abundante no futuro.

A salvação das almas depende inteiramente d'Ele, mas nós devemos trazê-las aos Seus pés, guiando-as pela palavra e sobretudo pelo nosso exemplo, e isso há-de acontecer e com sucesso quando formos autênticos imitadores de Paulo, tal como ele o foi de Cristo.»

Faro e Tavira

Em meados de Abril, após seis meses de campanha intensiva, vimos descer ao baptismo onze novos irmãos. Tavira, que esteve adormecida através dos tempos, vibrou ao som da Mensagem Adventista — e, onde não tínhamos nenhum irmão, hoje contamos oito, e, em breve, mais alguns!...

Centenas e centenas de pessoas sinceras ou curiosas encheram e transbordaram a nossa sala e vinham apinhar-se na rua. A Mensagem foi proclamada; e Tavira ficou avisada. Nem todos desconheciam a Bíblia e seus ensinamentos: uma nossa irmã, havia dois anos que guardava o Sábado, através da leitura da Bíblia. Ainda outra

Emissões em Angola

A Mensagem Adventista é, todas as semanas, irradiada através da EMISSORA DE BENGUELA, nas segundas-feiras, às 20,30 horas, nas bandas dos 31 e 60 metros, em onda curta.

futura irmã, só por ler o Novo Testamento, aprendeu as Novas de Alegria, da Breve Vinda de Jesus, que ao ouvi-las expostas pelo pregador, as abraçou prontamente, como sua mais doce e viva esperança. Certamente, «É um o que semeia, e outro o que ceifa». Toda a literatura, toda a semente de Verdade lançada, germinará, e, por vezes, em circunstâncias bem estranhas.

O Pastor Pedro Ribeiro, que realizou os batismos, inaugurou também a nova casa de Luz de Tavira. No Domingo à noite pregou em Faro a numerosa assistência. Estamos muito gratos a Deus por tudo quanto nos tem concedido.

MISSÃO DE CABO VERDE

Brava

Nesta mui pequena parcela ultramarina, há um povo que trabalha assiduamente para concluir a obra principiada neste mundo pelo benedito Salvador. Para demonstrar o zelo com que este povo adventista trabalha, vou contar uma interessante história, que sem dúvida demonstra que a chama do amor de Deus continua a arder no coração dos crentes, e estes simultaneamente estão a ser guiados pelo Espírito Santo. Não tive o privilégio de presenciar este facto ocorrido na freguesia de Nossa Senhora do Monte, em princípios de Março deste ano, porque ainda estava na Praia, onde fui assistir a uma reunião dos Obreiros de Cabo Verde.

Em Tomé-Barrás vivia uma indigente mãe de dois filhos, cuja alimentação e agasalho dependia dos bons corações. Ela andava de um para outro lado, procurando melhor guarida, porque os abrigos que lhe concediam não a impediam de ser fustigada pela tempestade no tempo do frio, nem das águas quando chovia. Ela era extremamente indolente, e assim desmazelava a higiene do próprio corpo e a do filho que a acompanhava. (Suponho que a indolência foi provocada pelo desgosto de ter sido abandonada pelo marido). Mais tarde ela foi para Nossa Senhora do Monte, sendo aí recolhida pela irmã Carolina Gomes, que não somente lhe deu abrigo mas muitas vezes alimento. Além de aquela infeliz não ter beira nem leira, e ser amesquinhada a cada momento pela fome e pelo frio, sofria horrivelmente em parte por causa da «sarcopsylla penetrans» ou «matacanha», até que os pés entraram na fase de decomposição, sendo difícil de suportar o seu cheiro nauseabundo.

A irmã Carolina Gomes foi censurada pelos vizinhos por consentir aquela infeliz naquele quarto junto da estrada. Apesar de a enferma ser católica romana, e de o padre se ter dirigido ásperamente à nossa irmã, esta não desistiu, porque «a caridade nunca falha» (1 Cor. 13:8). O próprio sacerdote mudou depois de atitude. Certo dia sobe, e bate à porta da Ir. Carolina, que o convida a descansar na sala de visitas. Ele, saudando-a amavelmente, agradece, e pede-lhe que prepare certo chá para a doente. Isto repete-se, e o povo contempla muito admirado o padre e esta irmã a socorrerem juntos a doente.

Mais algum tempo, e a enferma exalta o último suspiro numa tarde de quinta-feira. A noite vem, e o filho acompanha a morta durante aquela noite fria e húmida. Ele treme de frio, geme, chora e lamenta a perda da sua mãezinha, dizendo: «Mãezinha, eu não te deixei a ti,

mas tu me deixaste a mim!» (Dois dias antes o pai queria levá-lo, mas ele não quis deixar a mãe sózinha). Ninguém quis partilhar da dor daquela filha ainda inocente, a não ser a irmã Carolina, por quem ele também constantemente chamava. Ela então desceu algumas vezes durante a noite a partilhar do seu sofrimento.

A longa noite passa, o Sol está a subir, mas não aparece ninguém, nem mesmo da sua família, para sepultar aquela que ainda encolhida jaz no seu leito de morte. Então a irmã Carolina manda chamar o carpinteiro, fornece a madeira, e como esta não chegava manda arrancar a bandeira de uma das portas. Entretanto, aparecem também as nossas irmãs professoras, que querem colaborar no último acto de caridade para com a morta. O caixão está pronto, mas não tem ferro, nem a morta tem vestido decente para a sepultura. Resolvem o problema as Irmãs Maria José e Edite, que vão aos vizinhos pedir colaboração financeira para a compra de ferro e vestuário. O padre contribui com algo; a Ir. Maria José lava e passa o vestido a ferro; a Ir. Edite colabora na preparação do corpo da morta para o caixão.

O padre fez o enterro. Em Nova Sintra, falando em público na igreja, o sacerdote, depois de ter feito um elogio à irmã Carolina, disse: «Aquele senhora protestante não precisa de melhor religião!»

O acto daquela irmã preenche suficientemente os requisitos da epístola paulina, em que se lê: «A caridade não é invejosa, ... não busca os seus interesses: ... a caridade nunca falha.» (1 Cor. 13:4, 5, 8). — *João de Mendonça.*

«AGUARDANDO A RESSURREIÇÃO»

Lisboa

No dia 6 de Maio, cumprimos o doloroso dever de acompanhar à sua última morada a nossa prezada irmã Brites da Piedade.

Baptizada em 1943, era esta irmã um membro fiel da nossa Igreja e adormeceu com a esperança na ressurreição do último dia.

Juvenal Gomes

Emissões Religiosas

Todos os Domingos, das 23,15 às 23,45 é a Mensagem Adventista transmitida em português através de Rádio Africa Maghreb, de Tânger, na banda dos 321 m.

Ouçã e recomende aos seus amigos.

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA